

DA PHYSIS PRIMÁRIA À PHYSIS SECUNDÁRIA A PSIQUE COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

ROBERTO AZEVEDO

O objetivo de nossa conferência não é o de nos ocuparmos da Natureza filosoficamente, como já foi tratada em diversas contribuições que tivemos a oportunidade de ouvir neste Simpósio. Nossa tarefa tem um sentido mais restrito e circunscrito à contribuição científica que a Psicanálise desenvolve para a compreensão da natureza do Homem.

Neste sentido, vamos deter-nos sobre as investigações realizadas pela Psicanálise, a respeito da psique humana desde os períodos mais iniciais da vida, a partir do nascimento. Assim, poderemos compreender como a natureza humana irá diferenciar-se da natureza de outros seres vivos, principalmente dos animais, permitindo-nos entender o que no homem é essencialmente humano. Costuma-se afirmar que o homem, além de possuir uma natureza semelhante aos outros animais, apresentaria diferenças biológicas e, mais do que isto, teria características exclusivamente suas que implicariam, do ponto de vista evolutivo, ser ele portador de espírito e do que se denomina “Cultura”.

Deste ponto de vista, o Homem é um animal cuja essência é composta de natureza, espírito e cultura. Esse passo evolutivo e diferenciador,

Roberto Azevedo é médico e psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise.

característico do ser humano, obedece a um complexo processo de evolução de sua psique, que pretendemos detalhar de forma sumária, através das etapas mais importantes no percurso de sua humanização.

O nascimento, a partir da vida extra-uterina, conduz o ser humano a sua primeira e fundamental vivência caracterizada pelo sentimento da FALTA. Esta desencadeia a experiência e a noção da NECESSIDADE, que logo irá se transformar, determinando a origem do DESEJO. Falta de ar, sede, alimento e proteção geram uma das experiências mais penosas do ser humano ou seja, a da impotência existencial. O ser humano apresenta-se como o mais dependente e desamparado na escala zoológica. Esta dependência, que se prolongará durante a vida é, no início da mesma, de uma intensidade capaz de produzir sentimentos de ansiedade que denominamos de “ansiedade ontológica”, pois relaciona-se com a constituição do ser humano enquanto ser. Esta ansiedade podemos afirmar que é, dentre as diversas espécies de ansiedade, a mais fundamental, a que marcará os períodos mais críticos de sua evolução. A ansiedade sempre representa uma reação a uma situação de perigo. Nesta fase inicial, a ansiedade diz respeito não só à perda de identidade ou ao temor de castração, mas, à perda do ser enquanto ser. Por isso, a denominamos de ansiedade ontológica.

O ser humano, para sobreviver, necessita de uma identidade que constitua o EU (tomada da consciência de si mesmo) e também de um outro – mãe ou substitutos – que funcionará como um Eu auxiliar executivo. Isto proporciona à criança aquilo de que, na sua dependência extrema, necessita para sobreviver e se desenvolver em um movimento de realização e completude de sua natureza. Os recursos precários que o recém-nascido dispõe para a sua sobrevivência, e também para enfrentar as ameaças das quais é acometido, são expressos por suas ansiedades arcaicas. Estas apresentam-se como contorções corporais, vômitos, evacuações, sendo o choro o mecanismo mais importante na expressão do seu terrível desamparo, dando início ao protótipo da comunicação entre ele e o mundo. Se a criança não for atendida adequada e satisfatoriamente, será colocada em contacto, pela primeira vez, com a possibilidade de deixar de ser. Isto significa que, pela primeira vez, ela entra em contacto com a impossibilidade de todas as possibilidades, ou seja, a própria morte. Esse estado, que psicobiologicamente expressa a sua impotência, requer a presença do outro, alguém que possa atender as suas necessidades. À medida que a mãe cuida da criança, ela, progressivamente, desenvolve sentimentos e vivências de CONFIANÇA.

A experiência e a vivência de confiança constituem os fatores responsáveis pelo aumento da capacidade de suportar as frustrações iniciais. Esta

maior suportabilidade implica no desenvolvimento da capacidade de esperar: ela é responsável pelo desenvolvimento inicial da função de esperança. O início de sua atividade representacional e portanto o começo do seu pensamento ainda rudimentar é desencadeado pela presença e pela ausência do seio materno e posteriormente da própria mãe. A imagem alucinatória, com a qual a criança pretende se proteger da ausência da mãe, constitui o arquétipo do que mais tarde, por aumento de complexidade, resultará no pensamento ou capacidade de pensar. Presença e ausência do seio e da mãe, junto com o desenvolvimento da função mnêmica e a vivência de confiança, determinam o início da FUNÇÃO DISCRIMINATÓRIA. Desta maneira, a criança passa da imagem alucinatória para a imagem mnêmica de satisfação realística. Aqui, ela inicia o verdadeiro contacto com a realidade e abandona, por um processo de desativação, a satisfação alucinatória de desejos. Como já foi dito anteriormente, à medida que a criança desenvolve a capacidade de esperar, que lhe é conseqüente, ela inicia uma função humana de grande importância: a FUNÇÃO DE ESPERANÇA.

O desenvolvimento da função mnêmica e da função discriminatória – acompanhadas de outros processos – permitem o início da distinção entre o Eu e o Outro. Essa discriminação faz com que a psique infantil saia de um estado de indiferenciação para o estabelecimento da distinção entre o sujeito e o objeto (o outro). A partir desta etapa, o ser humano começa a desenvolver um complexo sistema de trocas (de necessidades e atendimentos) com o mundo exterior. Estas interrelações afetivo-cognitivas, tornando-se mais complexas, permitem a formação de uma realidade interna subjetiva e de uma realidade externa objetiva. As funções subjetivantes e objetivantes se desenvolvem normalmente ou sofrem processos de perturbação responsáveis por manifestações anormais da vida anímica. A criança no seu primeiro ano de vida, e mesmo posteriormente, é dominada, na sua atividade de sentir e pensar, por sentimentos e pensamentos onipotentes. O pensamento realístico só mais tarde irá se instalar na vida psíquica da criança. A onipotência constitui, transitoriamente, um fenômeno normal que permite à criança, temporariamente, criar uma realidade que possa por um tempo, atender suas necessidades. A satisfação alucinatória de desejos constitui o primeiro germe da atividade criativa do ser humano. O cuidado materno permite, quando realizado de maneira normal, desenvolver a erotização, a agressivização, a ternurização e a narcisificação da criança. Tais desenvolvimentos são absolutamente necessários para o crescimento psíquico e emocional do ser humano.

Perturbações nesses processos serão responsáveis pela formação de diversos tipos de patologia psíquica. O temor básico que é experimentado pelo recém nascido, circunscreve-se ao temor do aniquilamento. Quando a criança não é atendida nas suas necessidades básicas e quando suas frustrações se tornam intensas, sua agressividade também se intensifica levando-a a desejos de agressão e de destruição da pessoa encarregada de atender suas necessidades. Contudo, seu desamparo desencadeia um grande temor de destruir a mãe, ou sua substituta, uma vez que se sente impotente para sobreviver sem alguém que possa dar conta das suas necessidades e desejos. Para se proteger da sua destrutividade e, ao mesmo tempo, pode dar lugar à descarga da mesma, possui em sua psique a potencialidade de criar e dissociar uma mãe satisfatória ou boa, distinta de uma mãe insatisfatória ou má. Esta mãe insatisfatória poderá agora permitir à criança a descarga de sua agressividade e destrutividade, sem que esta fique desprovida da mãe boa que poderá satisfazê-la e protegê-la. Contudo, esta não é a melhor solução que se apresenta para a criança, pois, a agressividade contra a frustração, produzida pela mãe má, gera um medo de retaliação extremamente ameaçador. Procura então negar a própria agressividade, atribuindo-a à mãe bruxa que agora será objeto persecutório e temido. Assim, dá início aos mecanismos defensivos de projeção e de introjeção. Uma outra função defensiva que neste período é também mobilizada da origem ao que denominamos de idealização. A idealização constitui um meio de proteção contra a agressividade da criança na tentativa de diminuir sua ocorrência e as conseqüências que dela decorrem.

A frustração do processo de aleitamento leva, além dessas funções defensivas descritas sumariamente, a desejos de incorporação e destruição inicialmente do seio e posteriormente da mãe. Aqui encontramos as manifestações mais primitivas do que denominamos de tendências canibalísticas. À medida que a criança diminui sua hostilidade ou controla a sua destrutividade, ligada à sua boca como órgão inicial de trocas com o mundo, ela soluciona suas tendências canibalísticas. A repressão exitosa ou, melhor dito, a solução dos seus conflitos orais irá permitir que o primeiro elemento para a hominização do ser humano possa ser atingido. A interiorização das boas experiências e a projeção das más experiências permitem que a evolução infantil tenha continuidade. Os mecanismos psíquicos de dissociação, negação, projeção, introjeção, idealização, constituem os recursos desta evolução. Quando estes mecanismos se tornam patológicos, iremos nos deparar com a possibilidade do temor de destruir e de ser destruído neste fantástico mundo da onipotência infantil.

Aqui também encontramos os elementos etiológicos de um outro obstáculo que poderá impedir a entrada do homem na cultura: as “tendências homicidas”. As dificuldades deste período evolutivo, quando a criança ainda não desenvolveu a interiorização de vivências afetivo-positivas, o interesse e a consideração pelo outro, e o reconhecimento da própria maldade irá, mais tarde, ser responsável por perturbações anti-sociais, delinqüenciais, não tendo assim desenvolvido os elementos necessários para que as tendências homicidas sejam satisfatoriamente resolvidas. A criança entra num período de perturbação axiológica, pois, mais tarde, terá noção do bem e do mal mas não poderá desenvolver a vivência dessas noções o que poderá constituir motivo de impedimento do uso das mesmas. A boa experiência afetiva com a mãe constitui um elemento profilático para essas perturbações, pois, processos de interiorização de carinho, cuidado e satisfação constituem o fundamento das boas relações necessárias para o estabelecimento e o crescimento da sua capacidade de amar. O amor, então, afirmará o seu primado sobre o ódio.

Ainda na continuação do processo de crescimento, por volta do terceiro, quarto e quinto anos de vida, o ser humano passa por mais um período crítico no caminho da realização da sua natureza. Este novo período crítico refere-se à constituição e resolução do chamado Complexo de Édipo, quando a criança se depara com a interdição que viabiliza a solução das suas tendências incestuosas. Ao atingir este ponto na evolução da natureza humana, podemos então dizer que o ser humano entra na ordem da cultura baseada na interdição do canibalismo, do homicídio e do incesto. Sem a existência destes três interditos não haveria cultura, e conseqüentemente, o homem não teria realizado o movimento da psique necessário para a sua humanização e para a realização da sua natureza. É claro que falhas nesses processos, por motivações diversas, constituem o que poderíamos denominar acontecimentos de DESNATURALIZAÇÃO e DESUMANIZAÇÃO que, com maior ou menor freqüência e intensidade, se manifestam como verdadeiras moléstias culturais. A temática do Complexo de Édipo, que poderíamos estender um pouco mais, excederia os limites da exposição que nos foi proposta. Apenas nos referimos a este terceiro elemento de importância igualmente fundamental, para caracterizar o tripé dos interditos, canibalismo, homicídio e incesto, sobre o qual a cultura se constitui, permitindo desta maneira que o homem, como animal cultural, realize a sua trajetória e complete sua natureza dentro da grande Natureza Cósmica.